

Nova classe média começa a optar por escola particular

(Cristiane Bonfanti e Larissa Garcia)

Aposta: a estudante Karoline Carvalho (C) vai experimentar, em fevereiro, o ensino em um colégio privado. Decisão custará 10% da renda familiar. A estudante Karoline de Almeida Carvalho, 13 anos, não consegue esconder a ansiedade. Depois de cursar quase todo o ensino fundamental na rede pública, ela vai viver uma experiência nova a partir de fevereiro em uma escola particular. A transição tem mobilizado a família. Preocupados com o futuro da filha, os pais se preparam para, ao longo de 2011, desembolsar R\$ 600 em mensalidades — 10% da renda da casa. O caso retrata fielmente um Brasil que, devido à ausência do Estado, resolveu bancar por conta própria a formação das próximas gerações. Ao mesmo tempo, a história de Karoline exibe o tamanho do incômodo a ser enfrentado pela presidente Dilma Rousseff no campo da educação pública brasileira. Por trás da migração de estudantes para a rede privada, está a ascensão social que fez emergir uma parcela considerável da população. Nos últimos seis anos, nada menos do que 30 milhões de pessoas inflaram a classe média. Com maior poder de consumo, esse contingente de homens e mulheres renovou suas aspirações e passou a exigir, entre outras coisas, educação de qualidade como forma de buscar empregos e salários melhores. “Recebemos um bônus no trabalho e decidimos aplicar na formação da nossa filha”, explica a mãe de Karoline, a professora Vanilca Lemos de Almeida, 30 anos. O setor educacional protagoniza um processo de consolidação impressionante. Projeções da Euromonitor, empresa de pesquisas e análises de mercado, indicam que a expectativa de crescimento é de 9,6% ao ano no Brasil até 2020, ou 149,03% no acumulado da década. A movimentação passará de R\$ 160,1 bilhões para R\$ 398,7 bilhões por ano. “Vivemos o chamado bônus demográfico (mais pessoas em idade produtiva do que crianças e idosos), mas não temos educação de qualidade. A nova pirâmide da sociedade pressionará cada vez mais a demanda pelo ensino”, afirma Ricardo Madeira, professor do Departamento de Economia da Universidade de São Paulo (USP) e especialista no assunto. “Recebi aumento de 20% quando conclui o mestrado e outros 40% ao término do doutorado” Gustavo Barcelos



Barra, doutor em farmacologia. Gás no PIB. O auge do bônus demográfico ocorrerá em 2022. No entanto, o país já sente o peso de não ter investido na formação dos alunos nas últimas décadas e, se não quiser perder a chance de intensificar o crescimento e a distribuição de renda, a presidente Dilma não poderá trilhar outro caminho que não seja o do avanço na educação. Mas, estranhamente, para ela “a educação está bem encaminhada”, como declarou recentemente. O economista Marcelo Neri, coordenador do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), diz que o Brasil não está preparado para aproveitar o bônus demográfico. “Temos uma situação excepcional que, se não vier acompanhada de mais e melhores escolas, será desperdiçada. O nível

está crescendo, mas ainda é muito ruim”, critica. A situação não é mesmo boa. O Brasil amargou o 53º lugar, de um total de 65 países, no Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa, na sigla em inglês), muito próximo do Cazaquistão e da Indonésia. A prova avalia o conhecimento de estudantes de 15 anos de idade nas áreas de leitura, ciências e matemática. No bolso. Com mais acesso ao ensino superior, a população poderá melhorar o nível de renda e se aproximar de países desenvolvidos. Dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostram, por exemplo, que a remuneração dos profissionais brasileiros pode aumentar 15% por ano de estudo. Doutor em farmacologia molecular, Gustavo Barcelos Barra, 31 anos, ingressou há sete anos no laboratório Sabin, quando tinha apenas graduação. Ao longo da carreira, sentiu necessidade de se especializar. “Recebi aumento de 20% quando conclui o mestrado e outros 40% ao término do doutorado, em 2008”, diz. Para Raquel da Silva Santos, 36, a realidade é outra. Endividada, desempregada e mãe de 3 filhos, ela tem dificuldades para se recolocar no mercado de trabalho por falta de qualificação. Para tentar mudar de vida, há dois meses Raquel fez um curso técnico de auxiliar administrativo, oferecido pelo governo. “Também estou fazendo inglês. Acho que daqui para frente as coisas vão melhorar”, espera. Coincidência ou não, a maioria dos países bem avaliados no Pisa apresenta Produto Interno Bruto (PIB) per capita acima de US\$ 4 mil ao ano, além de crescimento mais expressivo ao longo dos anos. Enquanto a quantidade de riquezas por habitante na China saltou 344% entre 2000 e 2010, de US\$ 945,5 para US\$ 4,2 mil, o do Brasil cresceu 181%, de US\$ 3,7 mil para US\$ 10,4 mil, mostra o Fundo Monetário Internacional (FMI). Assolada pela guerra nos anos 1950, a Coreia do Sul apostou alto na educação. Resultado: desde 1980, o PIB per capita do país saltou de US\$ 1,6 mil para US\$ 20,1 mil. Filão a ser explorado. Hoje, menos da metade dos jovens de 18 a 24 anos — exatamente 48,1% deles — está matriculada em cursos do ensino superior no Brasil. Em 1999, esse percentual era de 22,1%. Para especialistas, como a tendência é de envelhecimento da população, a demanda por graduações será cada vez maior nos próximos anos. “Estamos muito mal em termos de quantidade e qualidade. Por isso, muitos grupos educacionais começam a investir no país”, diz o diretor de integração acadêmica da FGV e membro do Conselho Nacional de Educação (CNE) Antonio Freitas. De olho nessas mudanças, o Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), de São Paulo, vai destinar, até o segundo semestre de 2011, R\$ 37 milhões à expansão física de suas instalações, o que permitirá ampliar em 50% as vagas oferecidas na graduação. “Queremos atender à crescente demanda por cursos, especialmente os programas de educação executiva”, relata Irineu Gianesi, diretor da escola de pós-graduação, hoje com 4 mil alunos. O Ibmec, com unidades em Brasília, Belo Horizonte

e Rio de Janeiro, também faz planos. “Queremos ampliar em 20% a oferta de graduações e especializações nos próximos dois anos”, adianta o diretor-presidente do grupo educacional, Eduardo Wurzmann. A Trevisan Escola de Negócios se prepara para lançar seis cursos de pós-graduação em 2011. Além de atender a áreas que estão em plena expansão no país, busca preparar os profissionais para a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. “Hoje, temos 2,5 mil alunos e queremos chegar ao número de 6 mil até 2015”, prevê Fernando Trevisan, diretor-geral da empresa.